



USO DE ÁLCOOL, TABACO E DROGAS ILÍCITAS POR ESTUDANTES DE FARMÁCIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

OLIVEIRA, Tiago Branquinho¹; AZEREDO, Flaubertt Santana de²; PRADO, Daniella Silva³; REZENDE, Alexandre Gabriel Alves⁴; CUNHA, Luiz Carlos⁵; GARROTE, Clévia Ferreira Duarte⁶

Palavras-chave: Uso de álcool; Uso de drogas ilícitas; estudantes farmacêuticos.

1. INTRODUÇÃO

O uso de drogas é uma prática humana, milenar e universal. A partir dos anos 60 (sessenta), o consumo de drogas transformou-se em uma preocupação mundial em função da elevada disponibilidade e freqüência de uso e dos riscos que pode acarretar à saúde, particularmente nos países industrializados, onde a droga vem sofrendo modificações, passando de uma produção artesanal para um produção industrial. (BUCHER & TOTUGUI, 1992; CARLINI-CONTRIM, 2000). O Brasil, a partir dos anos 80 (oitenta), graças a inúmeros investigadores bem como a uma política de incentivo à pesquisa científica sobre o tema, é o país latino-americano que tem gerado mais dados sobre dependência, bem como padrões de consumo de drogas (e álcool) em populações específicas, incluindo estudantes do ensino médio e superior (KERR-CORRÊA et al., 1999). O consumo de drogas tornou-se motivo de preocupação constante. Neste contexto, as pesquisas epidemiológicas sobre a magnitude do uso de substâncias psicoativas, principalmente na idade escolar, são de especial relevância para elaboração de políticas públicas adequadas e efetivas de prevenção ao uso indevido dessas substâncias (BUCHER, 1992). O presente artigo tem por objetivo apresentar a incidência do uso de drogas (e álcool) por acadêmicos da Faculdade de Farmácia - UFG, descrevendo as condições associadas a esse uso.

2. METODOLOGIA

2.1 – Sujeitos

Graduandos da FF/UFG presentes na sala de aula, no momento da visita.

2.2 – Questionário

Foi utilizado um questionário fechado, de autopreenchimento e sem identificação pessoal, com preenchimento não obrigatório. O estudo adaptou os questionários utilizados, no Brasil, por CARLINI-COTRIM et al (1989) e KERR-CORRÊA et al (1999), que basearam no instrumento proposto pela OMS e desenvolvido pela WHO - Research and Reporting Project on the Epidemiology of Drug Dependence (SMART et al., 1982).

2.3 – Crítica dos Dados

Todos os questionários foram conferidos manualmente e de forma integral. No total foram entregues 140 (cento e quarenta) questionários; incluiu-se questões que

permitiram a realização de testes de coerência externa, como a indagação sobre o uso da droga fictícia *xiripeicos*, e de coerência interna, como questões sobre uso na vida e no último mês (resposta negativa para a primeira condicionava a resposta negativa na segunda) entre outras; os dados foram contabilizados e conferidos, separadamente, por cada um dos pesquisadores. As incoerências identificadas foram revistas e analisadas. Questionários com resposta afirmativa para a droga fictícia (questão 71), ou com mais de três questões anuladas ou ausência total de respostas (em branco), foram excluídos da amostra. Assim, reprovou-se 6 (seis) questionários.

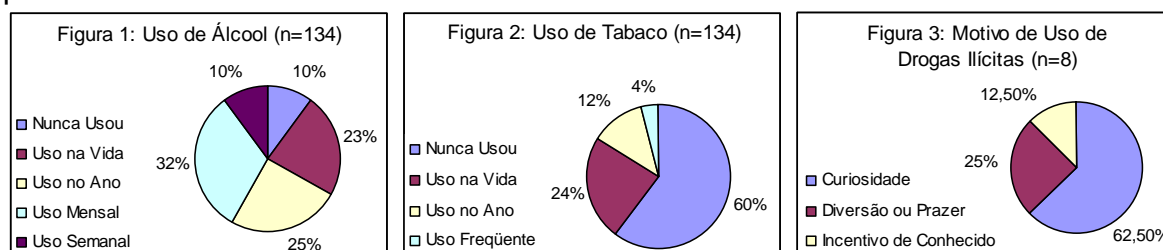
2.3 – Período da Pesquisa

A coleta de dados foi concluída em dezembro de 2003.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto ao uso de álcool, pode ser observado na figura 1. Mais homens (37,5%) que mulheres (26,19%) fizeram uso de álcool no último ano. Enquanto 84,5% dos acadêmicos do 1º e 2º anos são usuários de álcool, 95,1% dos estudantes do final da graduação relataram beber, pelo menos, uma vez ao ano. Cerca de 8% dos alunos de 1º e 2º ano faz uso freqüente de álcool; já entre os alunos do 3º e 4º, 11,5% bebem uma ou mais vezes por semana. Uma pequena parcela dos universitários refere beber diariamente, sendo todos do sexo masculino (4,17%). Além do mais, o uso excessivo de álcool por estudantes universitários representa um problema de saúde pública importante e esse tipo de comportamento tem causado preocupações (KERR-CORRÊA et al., 1999). No Brasil, embora haja restrição à venda de bebidas para menores de 18 anos, 62,8% dos estudantes experimentaram com idade inferior a 18 anos. Nota-se que a lei não vem sendo cumprida, acarretando o acesso livre para qualquer faixa de idade (menos de 1% relata ter experimentado antes dos 10 anos ou na escola primária). Na FF/UFG, o uso de tabaco pode ser observado na figura 2. Foram encontrados oito acadêmicos que afirmaram já terem feito uso em algum momento de drogas ilícitas. Para eles, o motivo principal que os levou a usar drogas pela primeira vez pode ser observado na figura 3. A maioria dos estudantes indica que experimentou bebidas alcoólicas pela primeira vez quando as mesmas foram oferecidas por amigos (46,2%), seguidos pelos familiares (22,0%). O ambiente propício para iniciarem foi tanto em casa (25%) quanto em bares e boates (28,0%). Entre as mulheres, 94,0% dos estudantes usaram álcool em suas vidas, sendo que elas “iniciaram” na maioria nas suas próprias casas (27,4%) com amigos (48,8%) ou familiares (22,6%) e com 11 a 17 anos (66,8%). Entre os homens, 89,6% dos estudantes usaram álcool em suas vidas, sendo que eles “iniciaram” na maioria em bares, boates (20,8%) ou em festinhas particulares, ditas familiares (20,8%) na companhia de amigos (41,7%) com a idade entre 11 e 17 anos (56,3). Por ser um fator de agravo à saúde, o consumo de droga não pode ser visto de forma unidimensional, sendo necessários esforços para compreender as causas sócio-políticas e culturais do seu uso e abuso (BUCHER & TOTUGUI, 1988; CARLINI-COTRIM, 1992). Assim, o pressuposto básico para a não omissão da família e da escola sobre o fenômeno droga entre os jovens estudantes é trazer para o seu interior discussões sobre o tema com base em informações claras e com conteúdos de veracidade. A universidade terá a oportunidade de ultrapassar as suas funções de mera reprodutora do conhecimento e contribuir, juntamente com a família, na estruturação da personalidade do jovem

para uma socialização compromissada em relação a si mesmo, ao outro e ao meio ambiente. Os acadêmicos mostraram que: Consumir bebidas alcoólicas é algo considerado sem risco por 53,8% dos universitários; aproximadamente a metade também não vê riscos quanto ao uso de maconha (47,8%) ou cigarros convencionais (48,5%). O risco moderado a máximo de adoecer usando tabaco (50,8%) foi considerado maior que para o uso de maconha (50%). O uso de crack foi considerado pelos universitários o evento mais arriscado (52,3%), seguido do uso de cocaína em pó (51,5%). Apesar disso, 44,7% deles não percebem risco de adoecer usando crack e a mesma porcentagem têm a igual postura em relação à cocaína. O uso e abuso de drogas (e álcool) por acadêmicos de saúde é uma preocupação salutar imperativa, porque, além da dependência e de problemas de saúde pública (como acidentes, mortes, brigas, violência e outras conseqüências nocivas), tal comportamento pode influenciar a conduta e a atuação destes futuros profissionais, principalmente, no que se refere à assistência e tratamento de pacientes drogadictos. Ressalta-se, ainda, a influência que estes futuros profissionais exerce na sociedade como formadores de opinião e modelos para pacientes e outros profissionais.



4. CONCLUSÃO

Devido o uso e abuso de drogas (lícitas e ilícitas) por futuros farmacêuticos ser uma preocupação salutar imperativa, as escolas farmacêuticas têm a incumbência de promover programas de prevenção com ênfase na dimensão ética (não moralista) e humana do consumo de drogas, contendo ações educativas de valorização da vida e discussão dos papéis da família e da escola como ambientes primários de socialização do homem.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUCHER R. Drogas e drogadição no brasil. Porto Alegre: Artes Médicas; 1992.
- CARLINI-COTRIM, B. e BARBOSA, M. T. S. Pesquisas epidemiológicas sobre o uso de drogas entre estudantes: um manual de orientações gerais. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas - Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina, 1993. 56p.
- CARLINI-COTRIM, B.; CARLINI, E. A.; SILVA-FILHO, A. R.; BARBOSA, M. T. S. O uso de drogas psicotrópicas por estudantes de primeiro e segundo grau da rede estadual, em dez capitais brasileiras, 1987. em: consumo de drogas psicotrópicas no Brasil, em 1987. Centro de Documentação do Ministério da Saúde (Série C: Estudos e Projetos 5), 1989. p.9-84.
- CARLINI-COTRIM B.; GAZAL-CARVALHO C.; GOUVEIA N. Comportamentos de saúde entre jovens estudantes das redes pública e privada da área metropolitana do estado de São Paulo. Rev Saúde Pública 2000;34:636-45.

CENTENO, J. A. Curso de estatística aplicada à biologia. 2. ed. Goiânia: UFG, 1999. (Coleção Didática 3). 234p. ISBN: 85-7274-132-1.

FARIAS Jr., J. C.; PIRES, M. C. e LOPES, A. S. Reprodutibilidade de um questionário para o levantamento de informações sobre comportamentos relacionados à saúde em adolescentes. Rev. Bras. Ciên. e Mov. 10 (3): 43-48, 2002.

KERR-CORREA, F.; DE ANDRADE, A. G. ; BASSIT, A. Z. et al. Alcohol and drug use by unesp medical students. Rev. Bras. Psiquiatr., Apr./June 1999, vol.21, no.2, p.95-100. ISSN 1516-4446.

¹ Autor F.F./UFG – Laboratório de Toxicologia, tbranquinho@hotmail.com

² Autor F.F./UFG – Laboratório de Toxicologia, flaudrogas@hotmail.com.

³ Autor F.F./UFG – Laboratório de Toxicologia, dsprado@brturbo.com.br.

⁴ Co-autor I.Q./CEFET-GO – Laboratório de Química Industrial, alereze@gmail.com.

⁵ Co-autor. Faculdade de Farmácia/UFG – NEPET-UFG, lccunha@farmacia.ufg.br.

⁶ Orientadora. Faculdade de Farmácia/UFG – Laboratório de Química Farmacêutica, clevia@farmacia.ufg.br.